

Jornada de Psicologia

Suporte Psicológico no Pós-Acidente Aeronáutico

Primeiro-Tenente QCOA PSO Fabrícia Barros de Souza | Primeiro-Tenente QCOA
PSO Luciana Toaiari Scarlatelli Coelho | Segundo-Tenente QCOA PSO Livia
Cardoso Junqueira Botto | Segundo-Tenente QCOA PSO Vanessa Vaz Santos
Segundo-Tenente QCOA PSO Juliana Guimarães de Oliveira
::: Instituto de Psicologia da Aeronáutica (IPA) :::

Introdução

Em decorrência de uma série de desastres, sejam eles naturais ou tecnológicos, a área de gestão de crises vem se desenvolvendo no Brasil. Esse contexto de emergências e desastres constitui-se como uma área multidisciplinar, na qual a Psicologia vem inserindo-se gradativamente, com o intuito de fornecer suporte psicológico aos vitimados.

No âmbito do Comando da Aeronáutica, pode-se destacar que o impacto causado por um acidente aeronáutico vai muito além das perdas materiais e humanas. Quando o desastre acontece, as consequências psicológicas podem fazer com que as vítimas sofram prejuízos emocionais intensos, com danos à sua saúde física e mental. Considerando o significativo papel desempenhado pelo trabalho na vida das pessoas, como fonte de sobrevivência, de identidade, de pertencimento e de apoio social, é de se esperar que os efeitos de um acidente, neste contexto, afetem não apenas os indivíduos diretamente envolvidos, mas toda a comunidade do local de trabalho.

Dentre os efeitos do acidente, podemos destacar o adoecimento psíquico, que pode se manifestar de

diversas formas e acaba por comprometer, de modo significativo, a vida familiar, social e profissional daquele que adocece.

Considerando, portanto, que a ocorrência de um acidente pode afetar, significativamente, a rotina dos indivíduos e organizações, ressalta-se a importância de se estabelecer medidas para prevenir o adoecimento relacionado ao evento traumático, para acelerar os processos normais de recuperação e para restabelecer a rotina das atividades.

Atualmente, a atividade de Suporte Psicológico no Pós Acidente Aeronáutico vem sendo desenvolvida continuamente, sendo realizada sob demanda da Organização Militar (OM) afetada pelo acidente.

Desenvolvimento

Considerações conceituais

De acordo com Franco (2012, p. 55), o desastre é:

Uma ruptura séria no funcionamento de uma comunidade ou sociedade, causando extensas perdas humanas, materiais, econômicas ou ambientais que excedem a habilidade dos afetados em utilizar seus recursos de enfrentamento.

Teoricamente, pode-se distinguir os desastres entre naturais e tecnológicos, por conta das características específicas de cada um.

O acidente aeronáutico é classificado como um desastre tecnológico, com aspectos peculiares: há poucas chances de sobrevivência; a ocorrência do evento pode ser muito rápida, porém o resgate e a identificação dos corpos podem ser muito demorados e envolve a ativação dos sentidos como a visão do acidente, o cheiro do material e o barulho decorrente do acidente.

O desastre produz uma crise, definida por Franco (2005, p. 178) como “a interrupção em um estado previamente normal de funcionamento, que resulta em instabilidade e significativo desequilíbrio no sistema.”

A crise advinda de um acidente aeronáutico é caracterizada pela interrupção da rotina, perdas (familiares, colegas de trabalho, materiais, emprego...), possíveis hospitalizações e homeostase psicológica rompida. Com isso, configura-se a exigência abrupta de uma nova configuração de vida por parte dos afetados.

As condições do acidente, aliadas às características pessoais dos envolvidos, definem se o evento é vivenciado de forma traumática. De acordo com Franco (2005, p. 178), o trauma é “uma ruptura no tecido vivo, causado por um agente externo, como resultado de uma cirurgia, um ato violento, um desastre.” Conceitualmente, pode-se distinguir dois aspectos do trauma: individual e coletivo. O trauma individual consiste em um ataque ao psiquismo, que destrói defesas da pessoa tão forte e repentinamente que não é possível responder com eficácia à situação. Por outro lado, o trauma coletivo abrange o ataque aos tecidos da vida social, atingindo os vínculos interpessoais.

O processo traumático é caracterizado por uma sintomatologia complexa, como descrita pela *American Psychiatric Association* (1994 *apud* FRANCO, 2005). O fator mais pregnante consiste na persistência do acontecimento traumático, a qual pode se expressar de maneiras diferentes: memórias recorrentes ou intrusivas, agir ou sentir como se o evento traumático estivesse acontecendo novamente e/ou como se a pessoa falecida estivesse viva, podendo incluir a ocorrência de

alucinações. Em contrapartida, reações de evitação também são comuns após a vivência de um evento traumático. As evitações podem dirigir-se a situações, pensamentos, conversas, lugares ou pessoas que, de alguma forma, estão associadas ao trauma.

Como resumem Hodgkinson e Stewart (1998, *apud* FRANCO, 2005, p. 179):

As reações típicas ao trauma se apresentam como intensa angústia diante de situações que lembrem o momento traumático, ou mesmo algum aspecto referente a ele; reação fisiológica diante desta exposição: ansiedade, sensações físicas, sensação de pânico; diminuição do interesse e participação nas atividades rotineiras; sensação de estranhamento diante das outras pessoas, retraimento e isolamento; inabilidade para fazer projetos e medo de morrer.

É importante salientar que esses sintomas tendem a variar de acordo com o momento do evento traumático. Didaticamente, pode-se pensar que há uma fase de impacto, logo em seguida à ocorrência do acidente; uma fase de recuo, quando as atividades de socorro e resgate são finalizadas e, por fim, um período pós-traumático, quando as atividades rotineiras vão sendo retomadas. No momento inicial, predominam sintomas de desorientação, altos níveis de ansiedade, negação, limitação na capacidade de pensamento e ação, redução da capacidade de atenção, concentração e amnésia. Na fase de recuo, fortes reações emocionais podem ser observadas: luto intenso, ódio, culpa, raiva, responsabilidade, depressão, risco de suicídio, necessidade de relatar as experiências e dificuldade de planejamento futuro. Por fim, o período pós-traumático é caracterizado, prioritariamente, pela persistência de memórias dolorosas (*flash backs*), acompanhadas de altos níveis de ansiedade e hipervigilância, que constituem-se indicadores de estresse.

Intervenção psicológica

O primeiro passo para a intervenção psicológica em um pós-acidente aeronáutico militar é a realização de uma análise das dimensões e características do desastre. Essa análise deve considerar, entre ou-

tras informações, o número de mortos e feridos e a função, concreta e simbólica, que as vítimas desempenhavam na OM. Para isso, é interessante que os profissionais que atuam em situações de crise tenham uma visão da extensão do acontecimento sobre o público atingido pelo evento.

São consideradas vítimas primárias os possíveis sobreviventes do acidente. As denominadas vítimas secundárias incluem familiares e amigos das vítimas primárias. As terciárias referem-se aos profissionais que atuam diretamente no acidente, como, por exemplo, bombeiros, enfermeiros e médicos. Por fim, as vítimas quaternárias incluem toda a comunidade mobilizada pelo desastre. Tendo clareza dessa configuração, o psicólogo possui mais recursos para planejar ou ao menos gerenciar suas intervenções.

De uma forma geral, o papel do psicólogo na intervenção de emergência permite identificar as pessoas em risco para o desenvolvimento de quadros patológicos, oferecer suporte e, se necessário, realizar encaminhamento para profissionais especializados. Dessa forma, o psicólogo pode contribuir para a prevenção ou atenuação de transtornos psicológicos decorrentes do trauma.

Na fase de impacto, o objetivo principal desse suporte é reduzir o estresse agudo causado pela eclosão do evento, auxiliando o retorno do equilíbrio do funcionamento cognitivo. Essa restauração cognitiva é essencial, inclusive, para que o afetado possa entender as informações que lhe estão sendo passadas, assim como responder a perguntas que auxiliem, por exemplo, o contato com alguma pessoa que ele gostaria que estivesse com ele, ativando assim, os sistemas de apoio, que contribuem para a recuperação dos afetados, como destaca Franco (2005).

A organização de tarefas simples e práticas pode contribuir para o aumento da capacidade de resposta do indivíduo, convidando-o, gradual e solidariamente, a sair da condição de vítima para retomar sua capacidade de ação e protagonismo no mundo e, ainda, favorecer o restabelecimento das funções cognitivas.

A atividade de suporte psicológico demanda em-

patia por parte do profissional para propiciar uma escuta ativa, encorajando os afetados a construírem uma narrativa sobre os fatos ocorridos, o que facilita a organização subjetiva do sujeito. A construção de uma relação de confiança entre profissional e afetado, na qual este sintá-se seguro, é fundamental para a realização desse tipo de trabalho. Além disso, são necessárias ao profissional uma boa capacidade de comunicação, flexibilidade e criatividade para agir em uma situação imprevista, completamente distinta do *setting* clínico tradicional do psicólogo.

É importante salientar o cuidado que os profissionais, inclusive os psicólogos, precisam ter no sentido de identificar-se com a atividade e, uma vez estando nela, saber respeitar seus próprios limites, pois é um contexto de sofrimento explícito, pelo qual os profissionais também podem ser afetados de tal forma a não mais conseguir contribuir.

Conclusão

A atuação da Psicologia em situações de crises e emergências é um campo em desenvolvimento, necessitando ainda de pesquisas e aprofundamento teórico. Apesar desse caminho a percorrer, as intervenções psicológicas em desastres têm certamente sua contribuição em um momento em que o sofrimento humano se impõe de maneira irrevogável. O Instituto de Psicologia da Aeronáutica (IPA) empreende uma busca continuada pela atualização teórica do seu efetivo, especialmente, nesta área do saber que encontra-se em fase de solidificação.

Com isso, o IPA objetiva o estabelecimento de ações que atenuem o impacto psicológico do acidente, através do planejamento prévio das atividades de gerenciamento de crise, incluindo-se a previsão das ações de pronta resposta quando confrontada com um acidente e as necessárias intervenções pós-acidente, com objetivo de auxiliar os indivíduos a lidar de forma adaptativa com tal evento, o que pode facilitar um retorno saudável ao trabalho.

Referências

FRANCO, M.H.P. (2005). Atendimento psicológico para emergências em aviação: a teoria revista na prática. Estudos de Psicologia, 10(2), 177-180.

FRANCO, M.H.P. (2012). Crises e desastres: a resposta psicológica diante do luto. O Mundo da saúde, São Paulo, 36 (1): 54-58.

Autora



Segundo-Tenente QCOA PSO
Lívia Cardoso Junqueira Botto